

IMPrensa, Pesquisa e Ensino de História: Impresses Digitalizados da Hemeroteca Digital para Estudar a Balaiada em Sala de Aula

PRESS, RESEARCH AND HISTORY TEACHING: DIGITIZED PRINTS BALAIADA FROM THE DIGITAL NEWSPAPER LIBRARY TO STUDY IN THE CLASSROOM

Antonio Guanacuy Almeida Moura¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA)

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar uma breve discussão sobre o uso de impressos digitalizados como fonte para o ensino de História. Inicialmente são explorados apontamentos teóricos que entre os historiadores tem suscitado diversas reflexões e problematizações sobre o uso dos jornais como fonte documental para a área de História. Abordo, ainda, a possibilidade dos docentes de História de usar os jornais em sala de aula acessando os websites que os disponibilizam digitalizados, a exemplo dos jornais, a Chronica Maranhense e o Bem-te-vi, que podem ser utilizados em sala de aula para abordar uma das principais revoltas do período regencial, a Balaiada (1838-1841). Como perspectiva, vislumbro

Abstract: This article purposes to present a brief discussion about the use of digitalized forms as a source for the teaching of History. Initially, this study explores explore theoretical notes that among historians have raised several reflections and problematizations about the use of newspapers as a documental source for the area of History. I also address the possibility of History teachers to use newspapers in the classroom by accessing the websites that make them available digitally, such as the newspapers The Chronica Maranhense and The Bem-te-vi, that can be used in the classroom to address one of the main revolts of the regency period, the Balaiada

¹ Professor do Ensino Básico Técnico e Tecnológico do IFMA- Campus São João dos Patos-MA, Mestre em ensino de História e Doutorando em História pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. E-mail: antonio.moura@ifma.edu.br

que a aproximação entre historiografia, imprensa, estratégias metodológicas amparadas no digital e ensino pode abrir espaço para novas formas de aprender e ensinar História.

Palavras-chave: Imprensa, Jornais Digitalizados, Balaiada, Ensino de História.

(1838-1841). As a perspective, I see that the approximation between historiography, press, methodological strategies supported by digital and teaching can open space for new ways of learning and teaching History.

Keywords: Press, Scanned Newspapers, Balaiada, History Teaching.

Introdução

O desafio de utilizar documentos diversos para pesquisas históricas, já foi e ainda é fruto de muitas discussões. Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2009) destacam que esse desafio e os debates estendem-se também às "*possibilidades de uso de documentos históricos em sala de aula*"², uma vez que o trabalho com os documentos deve ser bem sistematizado.

Essa é uma questão importante para os historiadores, docentes e pesquisadores da área de História, e é necessário debruçar-se sobre ela, pois, segundo Proença "[...] *sem fontes históricas não é possível fazer História. Sem fontes históricas também não é possível ensinar História, se pretendermos efetuar um ensino ativo, inteligível e capaz de desenvolver capacidades e competências*"³.

Sendo assim, a problematização sobre os usos desses documentos, a exemplo dos jornais que podem ser utilizados como fonte para a pesquisa na área de História, nos direciona a apresentar algumas reflexões teóricas sobre os seus usos pelos historiadores. Nesse sentido, cabe lembrar que os jornais são, conforme aponta Maria Helena Rolim Capelato, um "[...] *manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, a imprensa possibilita aos historiadores acompanhar o percurso dos homens através do tempo*"⁴.

Tais reflexões se iniciaram a partir das discussões suscitadas na disciplina de Imprensa e Ensino da História: Objeto, Documento e Metodologia, do programa de

² SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene Rosa. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2009.

³ PROENÇA, Maria Cândida. **Didática da História**. Lisboa: Universidade Nova Lisboa, 1992.p. 126.

⁴ CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.p. 13.

doutorado em História-PPGHIST da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, e do aprofundamento das leituras indicadas no decorrer da disciplina.

Para os propósitos deste artigo, pretendo, inicialmente, apresentar algumas questões concernentes às discussões que vem sendo levantadas pela historiografia em relação ao uso dos jornais impressos como fonte e objeto para a pesquisa histórica.

Na sequência, abordo como os jornais, em suas múltiplas formas de apresentação, pode ser utilizados pelos docentes em sala de aula tomando por base a orientação do Documento Curricular do Território Maranhense, documento este que norteia a prática docente nas escolas do estado do Maranhão.

Por fim, e com base nas páginas digitalizadas dos jornais a *Chronica Maranhense* e *O Bem-te-vi*, disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, proponho uma reflexão didática sobre uma das principais revoltas do período regencial, a Balaiada, com foco na perspectiva de uso de diferentes fontes e linguagens, em especial a digital, para ensinar e apreender História.

Apontamentos teóricos sobre a imprensa

As relações dos historiadores com as fontes e documento históricos, a partir da renovação da historiografia no século XX⁵, permitiu uma nova apreensão sobre a concepção de documento histórico, possibilitando aos historiadores repensar os seus usos e possibilidades para pesquisar e ensinar.

Dentre estes, cita-se o uso de periódicos impressos, como os jornais, que recentemente com o advento da “era da informação⁶” podem ser encontrados também no ciberespaço, hospedados em plataformas digitais.

⁵ As bases epistemológicas da História passou por profundas transformações a partir de 1929 com a fundação, na França, da revista dos *Annales*, com ela surge uma nova geração de historiadores que passam a repensar alguns conceitos importantes, como — o tempo, as fontes e os objetos históricos — contribuindo desta maneira para uma renovação gradativa ao longo do século XX do campo historiográfico. Dentro desta perspectiva, os *Annales* passam a estimular a interdisciplinaridade, a incorporação de novos objetos e a expansão do uso e concepção dos tipos de fontes históricas, além de fornecer novas visões aos estudos históricos no decorrer do século XX.

⁶ Alvin Toffler (1980), cientista social norte-americano, publicou um livro em 1980, chamado “A terceira onda”, sendo uma importante publicação para divulgação da ideia de uma “era da informação”, de acordo com o autor é possível dividir, em função de suas características, as sociedades em três ondas civilizatórias: a primeira é a agrícola, a segunda é a industrial e a terceira é a digital. A “terceira onda” é uma referência para designar a sociedade da informação ou digital, sociedade atrelada ao surgimento das redes de computadores, a disponibilização e divulgação das informações por meio digitais.

A era da informação, surge em meio a uma maior difusão dos computadores e o acesso crescente a *web*, o que permitiu, paulatinamente, o armazenamento, a distribuição de informações e o acesso de usuários em todo o mundo aos diversos bancos de dados disponibilizados na internet, contribuindo para capilaridade das informações na sociedade.

A investigação sobre os usos, produção e circulação dos jornais, veículo de comunicação fundamental na sociedade moderna, denota sua importância cultural, social, mercadológica e como suporte didático-pedagógico para investigação histórica, pois conforme nos aponta Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto “[...] nos diversos níveis de ensino e em diversas áreas, a imprensa transforma-se, de forma crescente, em suporte didático-pedagógico na sala de aula”⁷ sendo uma maneira interessante dos discentes compreenderem o ofício do historiador e seu trabalho com as fontes.

No entanto, o trabalho a ser realizado com os jornais impressos deve ser feito com crítica, rigor teórico e metodológico, pois essas fontes são produzidas dentro de um contexto socioeconômico, político e cultural; desta maneira, é fundamental o trato com as fontes históricas, mas, sobretudo, com a teoria que orienta e reorienta o fazer historiográfico, conforme alude Maria Helena Rolim Capelato: “*Conhecer a história através da imprensa pressupõe um trabalho com método rigoroso, tratamento adequado de fonte e reflexão teórica*”⁸.

Cabe ressaltar que essa compreensão crítica dos jornais como fonte histórica e das relações que se tecem entre a intencionalidade de quem escreve, para quem se escreve, os argumentos apresentados nas linhas editoriais dos jornais impressos e o entendimento de como os diversos atores sociais se apropriam do texto nos diversos espaços sociais e independente de como esses jornais se apresentam, sejam eles jornais grandes, pequenos ou subversivos, nos afasta de um tempo em que a imprensa era tida como fonte suspeita.

E no Brasil, é durante a década de 1970, de acordo com Tânia de Luca, que os impressos passam a ser reconhecidos como importantes para escrita de uma “*História da imprensa, embora reluta-se em utilizá-los para se escrever uma História por*

⁷ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253 - 270, dez. 2007. p.254

⁸ CAPELATO, Op. cit., p.23.

*meio da imprensa*⁹, ou seja, a autora evidencia que entre os historiadores havia uma suspeição quanto ao uso dos jornais como fonte documental para pesquisas históricas, embora não fosse uma particularidade da historiografia brasileira. A autora salienta ainda que a suspeição em relação à utilização dos jornais como documento histórico ocorria devido a premissas como imparcialidade, tendência dos conteúdos editoriais e, muitas vezes, falta de objetividade no uso dos jornais¹⁰.

No entanto, a visão sobre o uso dos impressos como fonte de pesquisa, aqui em especial os jornais, sofreu modificações dentro do campo historiográfico e os jornais passaram a ser objetos da História. A partir de reflexões historiográficas sobre o significado do documento e das suas redefinições é que a suspeição contra a imprensa perde o vigor. Sobre tais suspeições Maria Helena Rolim Capelato, já no final da década de 1980, observava:

Tais sugestões, são relevantes, mas o conceito de jornal como fonte suspeita merece revisão. A historiografia mais recente tem refletido muito sobre o significado do documento e foi a partir das redefinições nesse campo que as "suspeitas" contra a imprensa desapareceram. Convém explicar ao leitor como ocorreu essa mudança de postura. Ela é fruto, sobretudo, de um esforço para se repensar problemas, objetos e abordagens da História.¹¹

É claro, porém, que os diversos relatos dos jornais não devem ser tomados de forma padronizada, observação que cabe a muitos outros tipos de registro, afinal o tempo histórico em que são produzidos os diferencia. Tais diferenças compreendem mudanças significativas no contexto sócio-político de uma determinada sociedade, e nas técnicas de confecção, apresentação, estrutura das tipografias e formato dos jornais.

Durante o século XIX, a partir de 1808, com a instalação da tipografia da Impressão Régia é que surge de forma sistemática uma produção interna de jornais no Brasil, a imprensa surgiu no Brasil, conforme nos aponta Nelson Werneck Sodré, "*sob a proteção oficial da coroa, mais do que isso, por iniciativa oficial da coroa portuguesa — com o advento da chegada da corte de D. João ao Brasil*".¹²

⁹ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto: 2008, p. 111.

¹⁰ Idem, p. 116

¹¹ CAPELATO, Op. cit., p.20

¹² SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4.^a ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p.19.

No Maranhão, no ano de 1821 é instalada a primeira tipografia da província, “a *Tipografia Nacional do Maranhão, ficando limitada a cidade de São Luís, quase sempre sob a égide da administração provincial, situação inalterada até 1825*¹³”, a criação dessa tipografia veio acompanhada de uma carga política e social, por meio dos seus impressos o espaço público de discussões políticas foi ampliado na província, conforme aponta Marcelo Cheche Galves.

Se, por um lado, o uso público da Tipografia funcionou como mecanismo de defesa e propagação das premissas da administração provincial, por outro, a circulação das informações impressas ampliou o espaço público de discussões política, tornando seu controle uma “medida de Estado” [...].¹⁴

A abertura da tipografia, foi o ponto de partida do jornalismo maranhense e uma estrutura importante para a produção de jornais que seriam palco da difusão de ideias e embates políticos.

De todo modo, cabe destacar que os jornais são passíveis a ingerências de questões externas, segundo nos aponta Robert Darnton e Daniel Roche¹⁵, pois se imbricavam muitas vezes num conjunto complexo de instituições sociais, econômicas e políticas que os delimitavam por meio de um amplo sistema de controle editorial, repressão e censura; sendo assim, os pesquisadores devem procurar conhecer a dinâmica destes impressos, suas articulações com a história, para assim compreender a historicidade da imprensa, seus usos no campo das pesquisas historiográficas, o contexto em que foram produzidos, escritos e lidos.

Assim, repensar o trabalho com fontes documentais, principalmente os impressos, e suas especificidades históricas, sejam elas regionais ou nacionais, podem ajudar a diluir interpretações gerais ou universais.

Os historiadores, em suas atividades de pesquisas e ensino, devem atentar para questões relacionadas ao seu *métier*, que inclui o desafio de tornar inteligível por meio do estudo o que ‘aparece e o que não aparece nos documentos’ para que se possa produzir narrativas que também expressem a forma como foram constituí-

¹³ GALVES, Marcelo Cheche. “**Ao público sincero e imparcial**”: **Imprensa e Independência do Maranhão** (1821 - 1826). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2010. p. 82

¹⁴ Idem, p. 78-82

¹⁵ DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel. **A Revolução Impressa**. A imprensa na França (1775-1800). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996: Introdução (p. 15-17).

das, pois "Os documentos sugerem que nós sabemos o que é necessário saber, mas mentem por sua parcialidade. Sempre!"¹⁶.

Nesse sentido, a utilização dos jornais; como fonte para análise histórica, pensando o seu uso para além dos registros dos acontecimentos e/ou como mero depositário de informações e da verdade, amplia as possibilidades de ensino, e pode ressignificar a aprendizagem em História.

A imprensa e a hemeroteca digital brasileira: possibilidade para o ensino de história

Todo ato de produzir uma reflexão sobre determinado elemento do passado implica escolhas teóricas e metodológicas, e o uso de jornais como fonte para o ensino de História não está isento dessas escolhas. E, qual seja o caminho de aproximação a partir das suas escolhas e/ou proposta didática com o uso de jornais, o historiador deve ainda considerar as características e aspectos destes, que na perspectiva D' Assunção Barros são "[...] *abrangência de assuntos, periodicidade, largo alcance, polifonia dos textos, produção multifatorial, interação entre informação e discurso, busca de vários segmentos leitores, efeito de realidade*".¹⁷

Estas características devem ser consideradas, visto que a imprensa e os jornais não transmitem apenas informações ou são apenas depositários de acontecimentos históricos. Como indicam Robert Darnton e Daniel Roche, "*é preciso pensar a sua inserção histórica enquanto força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica*"¹⁸. Neste sentido, é necessário compreender as circunstâncias históricas e sociais que envolvem a sua produção, conforme nos esclarece Heloísa de Faria Cruz.

Trata-se de entender a imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada mo-

¹⁶ LEVI, G. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. *Revista Tempo*, UFF, v. 20, 2014, p. 10.

¹⁷ BARROS, José D.'Assunção. **Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos**. Editora Vozes, 2019. p.182.

¹⁸ DARNTON e ROCHE, Op. Cit., p.15.

mento, as relações imprensa/sociedade e os movimentos de constituição e instituição do social que essa relação propõe.¹⁹

Os jornais não devem ser encarados como uma fonte objetiva de conhecimento sobre o passado, longe disso, estes devem ser analisados na complexidade de suas articulações, "*fazendo emergir vozes e interpretações, que deem visibilidade a outras histórias e memórias*"²⁰. Assim, o professor/pesquisador pode lançar mão de diferentes pontos de vista sobre a História: recortes, imagens e dados diversos que podem ser usados como fonte na educação básica.

Mas, se por um lado o acesso às fontes documentais foi ampliado, contribuindo para renovação do saber historiográfico, por outro a reflexão sobre o uso dos documentos em sala de aula merece maior atenção. Nesse sentido, cabe aos docentes ater-se a algumas questões — aqui, destaco três —, as quais são de fundamental importância para trabalhar o jornal em sala de aula:

- 1- Evitar tomá-lo e apresentá-lo como "dono da verdade";
- 2- Considerar que não são neutros e imparciais, pois possuem um ou mais autores com posições definidas e é necessário saber identificar essas posições;
- 3- Levantar questões contextuais sobre ele e a partir dele.

Tomando essas questões como norteadoras o professor/pesquisador pode fomentar entre os alunos uma análise crítica e inteligível dos impressos em sala de aula. Tal análise, segundo Maria Helena Rolim Capelato, *pressupõe o desvendamento das relações e formas de poder que atravessam os jornais*.²¹

Visto por essa perspectiva, o trabalho com os jornais pode facilitar ao professor/pesquisador a mediação em sala de aula, pois, de acordo com Maria Auxiliadora Schimidt (2009, p. 57), a "[...] *sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constroem sentidos*".²² Ademais, os jornais podem possibilitar aos discentes desenvolver o senso crítico, a leitu-

¹⁹ CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915**. – São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013, p. 12.

²⁰ CRUZ e PEIXOTO, Op. cit., p. 260.

²¹ CAPELATO, Op. cit., p.69.

²² SCHMIDT, M. A. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2009, p.57.

ra, o acesso a textos analíticos, a contextualização dos documentos e a escrita, sendo uma importante fonte para o registro das dimensões históricas do passado e do presente.

O professor "*ao incorporar em sua prática pedagógica a releitura da imprensa periódica, articula saberes e possibilita a formação da e para a cidadania*"²³ contribuindo desta maneira para a formação e posicionamento crítico dos seus alunos.

Outro aspecto importante em relação ao uso de jornais no ensino de História é que estes não devem ser utilizados apenas como ilustração, mas como fonte para análise dos processos históricos imbricados em torno da sua publicação e veiculação na sociedade.

Para a análise do conteúdo tem sido importante a reflexão sobre a autoria dos acontecimentos, dando-se destaque ao papel do jornalista como agente significativo na criação de fatos históricos. O jornal, como veículo de comunicação fundamental na sociedade moderna, exige igualmente tratamento bastante cuidadoso quanto à análise externa, devendo ser considerado como objeto cultural, mas também como mercadoria, como um produto de uma empresa capitalista.²⁴

Portanto, é necessário aos professores uma análise cuidadosa dessa fonte ao se trabalhar em sala de aula, para que o estudante perceba os interesses envolvidos na sua produção e veiculação nos espaços públicos.

Mas como ter acesso e onde encontrar exemplares de jornais para trabalhar em sala de aula com os alunos? Essa é uma pergunta que deve ser feita e um desafio a ser encarado pelos docentes mesmo diante das limitações e condições para sua consulta impostos aos professores de História nos diversos espaços escolares, mas que não deve ser um impeditivo para a utilização dos jornais para ensinar e aprender História.

Parto, portanto, da premissa que é necessário adequar a maneira como se ensina história aos discentes que passam hoje pelas salas de aula, pois as transformações sociais e históricas proporcionadas pelos avanços tecnológicos digitais, se refletem também no ambiente escolar.

²³ FONSECA, S. G. **Didática e Prática de Ensino de História**: Experiências, Reflexões e Aprendizados. Campinas: Papirus, 2009, p. 215.

²⁴ BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 336.

Em consonância com Selva Guimarães, entendo que "*O processo de ensino e aprendizagem em História pode ser enriquecido e ampliado com a incorporação de novas TDIC's, [...]*"²⁵, visto que a utilização dos recursos oriundos do ciberespaço e materializados pela *web* no processo de ensino e aprendizagem em História pode fazer emergir novas perspectivas educacionais e formas diversas de ensinar e aprender história.

Um caminho proposto e que pode auxiliar os docentes de História a transpor esse desafio é a utilização de recursos tecnológicos digitais, como a internet, um instrumento importante para se aprender História no espaço escolar e que pode favorecer entre os educandos novas relações com o saber histórico, conforme ressalta Marieta de Moraes Ferreira e Renato Franco.

A disponibilização do conteúdo de História na internet passou a ter várias possibilidades de uso, porque podem variar de artigos e livros em formato digital, [...]. A história se beneficia grandemente das possibilidades tecnológicas: desde a digitalização e disponibilização de fontes que durante muito tempo ficavam acessíveis a um pequeno grupo de pessoas, passando pela troca rápida de informações e de possibilidades de discussão em termos globais, até o acesso on-line de várias bibliotecas pelo mundo.²⁶

Um bom exemplo dessas bibliotecas e de como utilizar jornais em sala de aula pelos docentes é o que sugere o Documento Curricular do Território Maranhense²⁷ (2019), que apresenta nas suas diretrizes uma proposta de uso de jornais por meio do acesso, via *web*/internet, à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, um portal de periódicos nacionais que possui um amplo acervo e que pode ser acessado gratuitamente.

A biblioteca dispõe de exemplares diversos, passando por jornais do século XIX e século XX, podendo ser acessados e consultados pelo nome do periódico, período e local, conforme se observa na Figura 1.

²⁵ GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. 13 ed. rev. e ampl. Campinas/SP: Papyrus, 2012 (Coleção Magistério: Formação do Trabalho Pedagógico)

²⁶ FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Aprendendo História: reflexão e ensino**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2013.p.166

²⁷ MARANHÃO. **Documento curricular do território maranhense para educação infantil e o ensino fundamental**. Editora- FGV. 1.ª edição – 2019.

FIGURA 1

Página Principal da Hemeroteca Digital

Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

Cada uma dessas abas é usada de maneira diferente para que o professor/pesquisador realize suas consultas. Na aba periódico, o pesquisador pode buscar os diversos periódicos disponíveis na hemeroteca, o que possibilita analisar como um jornal aborda determinado assunto em um período específico, a exemplo dos jornais de orientação liberal, a *Chronica Maranhense* e *Bem-te-vi*, lançados em São Luís (MA) no ano de 1838.

A segunda aba, período, é mais indicada para pesquisas sobre temas com marcos cronológicos específicos ou recortes de tempo delimitados, onde o professor/pesquisador pode filtrar a sua pesquisa por data, local, periódico e palavras-chave.

Por fim, a terceira aba, local, é a opção que o professor/pesquisador tem para buscar documentos sobre a trajetória de indivíduos e grupos por local e períodos mais específicos.

O uso da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional²⁸ para pesquisar e ensinar História é uma demonstração dessa expansão da informática e seus recursos, e de como as instituições podem viabilizar por meio do ciberespaço o acesso público e gratuito a arquivos que antes se encontravam apenas em formato físico, nas dependências da instituição. Agora digitalizados, permitem o seu acesso integral dos conteúdos.

²⁸ Para os docentes interessados, o site da hemeroteca digital pode ser acessado por meio do link <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em 14/09/2022.

A Hemeroteca Digital Brasileira e a Balaiada nos impressos do Maranhão

A rapidez e o alcance das transformações relacionadas ao uso das tecnologias digitais, da internet e dos seus recursos no decorrer das últimas décadas do século XX e primeiras décadas do século XXI fizeram com que as práticas pedagógicas docentes mudassem. A História e o seu ensino não ficam de fora deste processo, pois com a virada digital o *métier* do historiador se modificou, assim, como as formas de acessar, tratar, armazenar as fontes históricas e difundir o conhecimento histórico.

Sendo assim, os docentes podem se valer desses *websites*, a exemplo da Hemeroteca Digital, preconizado em documentos curriculares, por meio da qual é possível propor um trabalho de leitura, interpretação e debate em sala de aula sobre o período pós-independência e os diversos conflitos de ordem econômica, política e social que marcaram o Maranhão Oitocentista durante a Regência, (1831 – 1840), período que marca a primeira experiência brasileira de descentralização política e é o palco de uma série de rebeliões que se espalharam pelas províncias do Brasil, dentre as quais, a Balaiada (1838 – 1841).

O Historiador José Murilo de Carvalho, esclarece que com a abdicação de D. Pedro I, em 7 de abril de 1831, diferentes projetos de nação foram colocados em disputa, e tal qual na América hispânica, o Brasil foi marcado por discussões, grande agitação política, revoltas regionais, conflitos urbanos e secessões, ainda segundo o autor a diferença em relação aos países hispânicos foi que o Brasil ao término desse período de agitação conseguiu manter sua unidade política²⁹.

Além da difusão das informações e o acesso a documentos, o uso de jornais hospedados na Hemeroteca Digital pode auxiliar na constituição dos alunos como sujeitos ativos, capazes de lerem o mundo que os circunscreve, pois, quase sempre quando se aborda sobre a ordem Imperial no Brasil pós-independência, o Ensino da História do Maranhão não é incorporado.

Ao Ensino de História do Maranhão que por muito tempo encara o problema da ausência de materiais didáticos adequados, recentes e em harmonia com as exigências legais.

²⁹ CARVALHO, José Murilo de. **A Construção Nacional 1830-1889**, v.2. História do Brasil Nação: 1808-2010. Direção Lília Mortiz Schwarcz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.p. 87.

Outro problema foi a implementação do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), em que os conteúdos específicos da História do Maranhão, que ainda eram vistos no currículo nacional, deixaram de ser exigidos, o que gerou na quase exclusão dessa temática nas aulas de História.³⁰

Na História do Brasil, a transição do Primeiro Reinado para Regência foi marcada por instabilidade e polarização política entre os conservadores e liberais, que se alternavam no poder. Matthias Röhrig Assunção, destaca que *"a constituição de partidos políticos no Maranhão imperial seguiu, de maneira geral, o padrão nacional, caracterizando-se por uma divisão básica entre grupos, os conservadores, os liberais moderados e os "exaltados"*³¹.

E é nesse contexto de alternância de poder, em um período denominado *"regresso conservador"*³², caracterizado pela violenta repressão às revoltas políticas nas províncias, ameaçadoras da ordem pública, que estoura a Balaiada ou Guerra dos Bem-te-vis (nome que seria dado a um dos jornais que mais circulou no Maranhão), revolta marcada pelo envolvimento de vários grupos sociais e a *"ruptura entre a elite e as classes subalternas"*³³.

Alguns fatores conjunturais contribuíram para eclosão da Balaiada na província do Maranhão, como os conflitos intra-oligárquicas, a crise de abastecimento e a oposição ao "Pega" — recrutamento forçado de jovens camponeses — segundo nos aponta o historiador Matthias Assunção (2015).

Três fatores conjunturais contribuem para explicar a eclosão da Balaiada. Os conflitos intraoligárquicos, que se expressavam nos conflitos entre liberais e conservadores, e entre as elites locais e a oligarquia que monopolizou o poder regional e acirram-se a partir de 1837. A crise de abastecimento de 1837-38 fomentou os ressentimentos da "pobreza" contra os "portugueses". O famigerado recrutamento representava o tributo mais pesado para as classes subalternas livres entre todas as contribuições que a Corte exigia para implementar a centralização e a estabilidade política. A oposição ao "Pega", símbolo de todas as arbitrariedades, serviu como bandeira de luta capaz de galvanizar "o povo de cor".³⁴

³⁰ MATEUS, YURI GIVAGO ALHADEF SAMPAIO. **A BALAIADA NA SALA DE AULA:** ensino de História do Maranhão Imperial e a produção do paradidático "A Guerra da Balaiada". 196 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Ensino e Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão, 2018. p. 14.

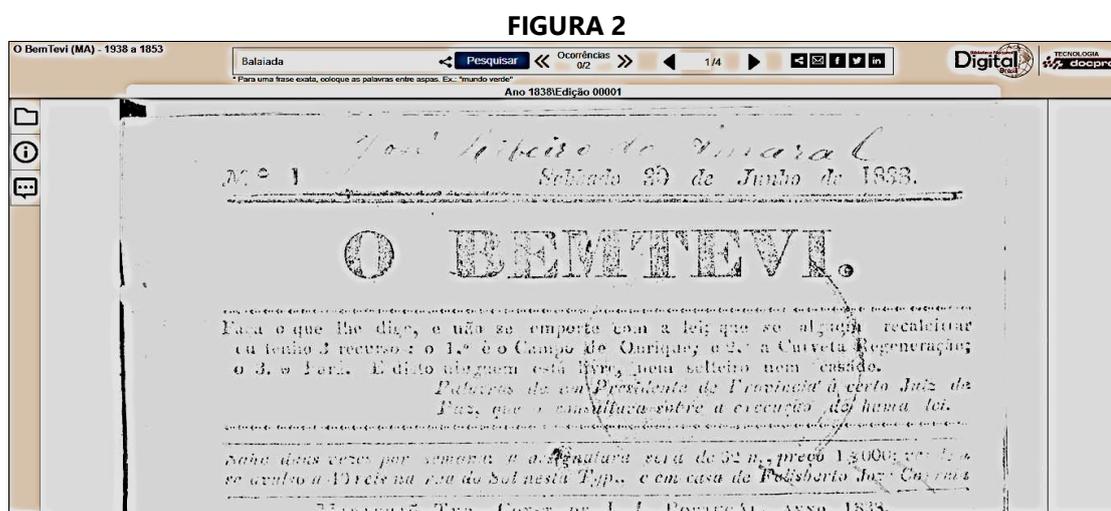
³¹ ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. **De Caboclos a bem-te-vis: formação do campesinato numa sociedade escravista:** Maranhão, 1800-1850. - São Paulo: Annablume, 2015, p. 317.

³² CARVALHO, Op. cit., p. 95.

³³ Idem, p. 347.

³⁴ Idem, P. 365.

Durante o período desse conflito, os bem-te-vis e cabanos (oposição conservadora) se atacavam por meio de jornais. O Bem-te-vi³⁵, jornal liberal radical criado em junho de 1838, circulando até o dia seis do mês de outubro daquele ano, com uma tiragem de trinta e um números. O jornal foi lançado por Estevão Rafael de Carvalho, professor nas aulas de Comércio do Liceu de São Luís, "no ramo da política, foi primeiramente deputado geral na Corte e, voltando à província, tomou assento na Assembleia Legislativa Provincial"³⁶, com a ajuda de Francisco Baltasar da Silveira e Ramundo Cantanhede, redigiram e iniciaram as publicações do periódico.



Página n.º 1 do jornal o Bem-te-vi, de 30 de junho 1838.

Fonte: Site da Biblioteca Nacional Digital

Nas palavras de Werneck Sodré, "Era um jornal pequeno, um quarto do formato almoço comum, impresso na oficina de José Inácio Portugal, aparecendo todas as semanas, sem dia certo: quando ia circular, avisava com foguetório grosso".³⁷ Sendo descrito também como uma "uma folha incendiária, á que se attribue a revolução do Balaio"³⁸, a influência do jornal teria sido tamanha a ponto do partido liberal adotar a denominação para si.

³⁵ O Bem-te-vi, Ano 1838\Edição 00001 Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=718130&Pesq=Balaiada&pagfis=154>> Acesso em 24/02/2022.

³⁶ SILVA, Alexandre Ribeiro e VIDAL, Diana Gonçalves. "Um jogo de partidos": educação pública e política no Maranhão imperial. Almanack [online]. 2019, n. 23, p. 316-365. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2236-463320192311>>. Epub 13 Dez 2019. p. 336 Acesso em: 8 de Janeiro de 2023.

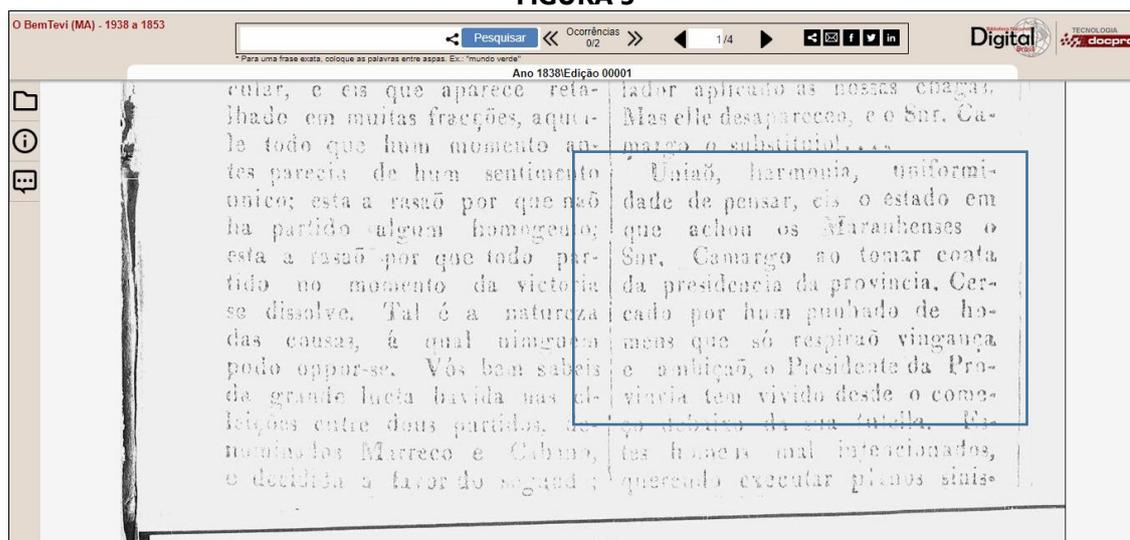
³⁷ SODRÉ, Op. cit., p.134.

³⁸ BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Dicionario bibliographico brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. v. 2. p. 296-297.

Na edição n.º1 do jornal, publicado no dia 30 de junho de 1838, na primeira página, Estevão Rafael de carvalho publica um manifesto direcionado aos eleitores da província, nas linhas do manifesto é possível constatar a insatisfação dos liberais em relação aos conservadores, que no ano anterior assumiram o poder na província do Maranhão, por meio do conservador Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo, natural do estado Pernambuco. Cesar Augusto Marques, pontua que sobre o então governador da província "*convergiu todas as fúrias do Bemtevi*"³⁹, o que culminou em ameaças de prisão para o redator do jornal.

Mesmo diante das ameaças de prisão o jornal continuou a ser publicado e a espalhar seus escritos incendiários, com notória atuação durante a Balaiada. O manifesto aponta, conforme a Figura 3, que o "Sr, Camargo ao assumir a presidência da província estaria cercado por homens que só respiram vingança e ambição".

FIGURA 3



Página n.º 1 do jornal O Bem-te-vi, de 30 de junho 1838.

Fonte: Site da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=718130&Pesq=Balaiada&pagfis=154>>

A matéria veiculada, no jornal O Bem-te-vi, contra o presidente da província evidencia a disputa pelo poder entre os grupos políticos do Império, o conservador e o liberal, e suas ressonâncias na província, em um período já marcado por instabili-

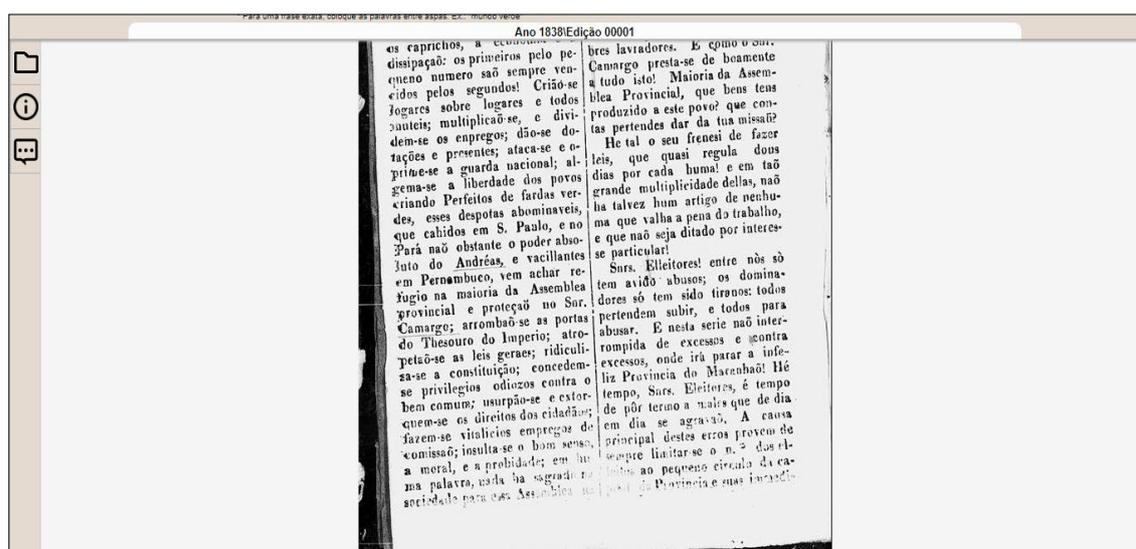
³⁹ MARQUES, Cesar Augusto. O Bemtevi e seu redactor o Sr. Estevão Raphael de Carvalho. Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brazil, Rio de Janeiro, tomo XLIX, v. 2, p. 289-294, 1886.

dade políticas, sociais e econômicas, que culminariam com o surgimento da Balaiada na província do Maranhão.

Durante o período do conflito as tribunas dos jornais foram utilizadas pelos bem-te-vis e cabanos para troca de acusações, a exemplo do argumento dos bem-te-vis no período inicial da Balaiada e conforme destacado por Maria de Lourdes Monaco Janotti, os bem-te-vis responsabilizavam os cabanos "[...] *pela ineficiência da administração, pela corrupção da Guarda Nacional e, aproveitando-se da insegurança geral, vaticinar um grande derramamento de sangue na província*"⁴⁰.

O manifesto publicado em junho de 1838 nas páginas do jornal, ainda acusa "essa gente", referindo-se aos conservadores, de arrombar as portas do Tesouro do Império, de serem ineficientes frente a administração e não respeitarem os direitos dos cidadãos⁴¹ da província.

FIGURA 4



Pá-
gi-
na
n.º
2
do
jor-
nal
o
Be-
m-
te-
vi,
de
30
de
ju-

nho 1838.

Fonte: Site da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=718130&Pesq=Balaiada&pagfis=155>>

O jornal, denuncia ainda que a liberdade dos povos foram cerceadas com a criação do "Perfeitos de farda" (Prefeitos de farda), referência a lei provincial que instituiu os prefeitos na província do Maranhão, os quais tinham poder maior que os juizes de Paz e com poder discricionário e atribuições para resolver tudo.

⁴⁰ JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. "**Balaiada: construção da memória histórica**". História, São Paulo-UNESP, v. 24, n.1, 2005, p. 54.

⁴¹ O termo cidadão refere-se apenas aqueles que possuíam direitos políticos assegurados, ou seja, os chamados "homens bons".

Caso alguém reclamasse, a lei aplicada seria de compressão e terror, conforme aponta a fala, reproduzida pelo jornal, do Presidente da Província a um Juiz de Paz que reclamava da execução da lei instituída.

Faça o que lhe digo, e não se emporte com a lei que se alguém reclamar eu tenho 3 recursos: 1º é o Campo de Ourique, e o 2º a Corveta Regeneração; o 3º o Pará. E disto ninguém está livre, nem solteiro nem casado. Palavras de um Presidente de Província a certo Juiz de Paz, que reclamava sobre a execução de uma lei.⁴²

Percebe-se por meio desse trecho do documento qualquer impossibilidade de tomá-lo como “neutro e imparcial”, premissa que, aliás, deve orientar todo o trabalho de pesquisa com os jornais. Destaca-se também que a eclosão da revolta envolveu as lutas pelo poder local, questões regionais, razões para que o jornal apontasse em suas páginas para os abusos e excessos cometidos pelo partido conservador, que limitou os eleitores ao círculo da capital e de suas imediações, para escolher os representantes da assembleia provincial.

Para os liberais a composição da assembleia e seus representantes deveriam ser de pessoas de todos os pontos da província, para assim atender e se fazer conhecida as necessidades do povo, ou seja, “à camada da população privada de direitos políticos, a massa dos não-cidadãos”⁴³. Nesse sentido, o Bem-te-vi, sustenta que:

A causa principal destes erros provem de sempre limitar-se o n.º dos eleitos ao pequeno círculo da capital da Província e suas imediações. Convém, pois, alargar este círculo, compondo a Assembleia Provincial de gente de todos os pontos da Província. Só assim conheceremos as necessidades de todos os povos, só assim o interior do nosso paiz deixara de ser-nos tão desconhecido como no-lo é a China. Convençei-vos Sers, Eleitores que para ser deputado basta que o indivíduo tenha huma sã rasão e probidade; e não esses tão decantados grandes conhecimentos que não existem em nossa terra, onde as capacidades se equilibrarão. Reunão-se em um ponto, a Assembléa, homens nascidos ou moradores em toda a província, ou que de seus logares tenham conhecimentos, sejam de que terra forem, habitem qual quer lugar que seja.⁴⁴

⁴² O BEM-TE-VI, Op. cit., p.1.

⁴³ ASSUNÇÃO, Op. cit., p. 203.

⁴⁴ O BEM-TE-VI, Op. cit., p. 2-3.

Sendo assim, "*Não é surpreendente então que, no sul da província até mesmo os fazendeiros apoiassem a Balaiada*"⁴⁵, ou seja, o "pouco caso" e a pouca atenção às outras regiões da província, como a região sul do Maranhão, fez com que essas elites do sertão dos Pastos Bons, criadoras de gado, empunhassem armas contra o governo provincial.

E é essa população que, cerceada nos seus direitos, comporá as fileiras de uma das maiores revoluções do período regencial, quebrando o sossego bucólico dos campos e tornando desde o Sertão dos Pastos Bons até a capital da província um campo de ebulções e ações entre as camadas que partilhavam dos mesmos sentimentos e ideais.

Para Matthias Assunção, o jornal o Bem-te-vi, mesmo não sendo responsável pela deflagração da Balaiada, como, às vezes, tem sido sugerido, pode ter contribuído para dar coesão ideológica ao discurso dos revoltosos, demonstrando assim o quanto os jornais foram importantes para que a propagação das ideias liberais mais radicais pudessem chegar as diversas partes da província e as mais variadas classes sociais da sociedade maranhense⁴⁶.

Outro jornal liberal que surge em São Luís-MA, é a Chronica Maranhense, editado por João Francisco Lisboa, historiador, político e jornalista, figura importante do "*Pantheon Maranhense*"⁴⁷, alinhado com os liberais da província "*Pertencia a esse pequeno e brilhante grupo que representava o partido liberal na legislatura de 1838*"⁴⁸ quando eclodiu a Balaiada no Maranhão.

Ao fundar a Chronica Maranhense, João Francisco Lisboa já era um homem experimentado na política e um adversário hábil no manejo da pena ao escrever, conseguindo expressar por meio do seu ofício os seus temores em relação à emancipação país e também denunciar "*os excessos da interferência das questões políticas na esfera administrativa; soube perceber nas origens da Balaiada a opressão sob a qual vivia a população marginalizada maranhense*"⁴⁹.

⁴⁵ ASSUNÇÃO, Op. cit., p. 312.

⁴⁶ Idem, p. 330.

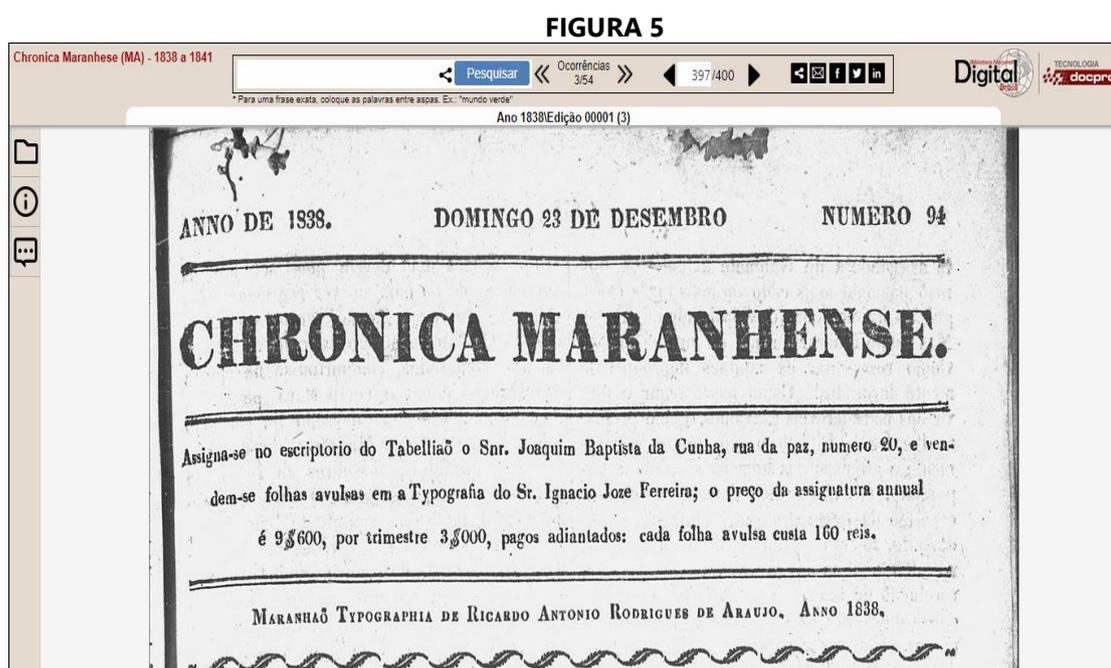
⁴⁷ LEAL, Antonio Henriques. **Pantheon Maranhense. Ensaios biográficos dos Maranhenses ilustres já falecidos.** São Luís, 1873; Rio de Janeiro: Alhambra, 1987. t. 1.; LEAL, Antonio Henriques. **Pantheon Maranhense. Ensaios biográficos dos Maranhenses ilustres já falecidos.** São Luís, 1875; Rio de Janeiro: Alhambra, 1987. t. 2.

⁴⁸ LEAL, Antonio Henriques. **Pantheon Maranhense. Ensaios biográficos dos Maranhenses ilustres já falecidos.** São Luís, 1873; Rio de Janeiro: Alhambra, 1987. t. 4, p. 29.

⁴⁹ JANOTTI, Op. cit., p. 43.

O jornal a Chronica Maranhense foi lançado no dia 2 de janeiro de 1838, sendo publicado duas vezes por semana, saiu inicialmente em dois formatos diversos, no primeiro ano em folhas de papel florete, em duas colunas. Dobrando de forma só nos volumes de 1839 e 1840, apresentando três colunas⁵⁰, teve sua última publicação em 17 de dezembro de 1840.

O periódico corroborava com as ideias do Bem-te-vi, embora tivesse aspecto diferente desse último. Para a historiadora Maria Janotti "A *Crônica Maranhense* era a principal tribuna de onde dirigia ataques e críticas ao governo, demonstrando inegável simpatia ao grupo bem-te-vi, sendo por essa razão acusado de fomentar o clima revolucionário na província".⁵¹ O jornal, Chronica Maranhense, também pode ser encontrado na Hemeroteca Digital conforme se observa na Figura 5.



Página principal do jornal a Chronica Maranhense, n.º 94, de 23 de dezembro de 1838.

Fonte: Site da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749990&pasta=ano%20183&hf=memoria.bn.br&pagfis=397>>

A Chronica Maranhense, assim como O Bem-te-vi, denunciava nas suas páginas, na edição de n.º 94 do dia 23 de dezembro, domingo, do ano de 1838, as toma-

⁵⁰ JANOTTI, Op. cit., p. 33.

⁵¹ JANOTTI, Op. cit., p. 42.

das de decisões arbitrárias do governo da província, como o recrutamento forçado⁵², uma das causas que levaria a eclosão da Balaiada no Maranhão.

Ainda continua o recrutamento violento, tanto esta capital como fora della! E' um optimo meio que tem o governo, e os seus delegados, conservando-o sempre aberto e permanente, de tornar irrisórias todas as nossas garantias constitucionaes. Já não fallamos na illegalidade com que ao principiar o recrutamento são preteridas as formalidades do edital, e outras, a fim de que se apresentem voluntários, de modo que só não os havendo, se podesse prender por força; isso já não admira, pois parece que as instruções passadas pelo governo central a este respeito tem cahido em completo esquecimento e desprezo; queremos, sim, mas é denunciar o modo arbitrario porque se prende, e as injustiças e violências feitas a indivíduos, a quem a lei isenta do serviço militar⁵³.

A *Chronica Maranhense* é um importante documento histórico e sua relação com a Balaiada, segundo nos aponta Werneck Sodré, reside no fato do jornal ser o primeiro a alertar sobre a revolta da Balaiada⁵⁴. O que pode ser constatado por meio da seção notícias extraordinárias, publicada na edição do dia 23 de dezembro de 1838, treze dias após o assalto do quartel da vila da Manga.

Notícias extraordinárias

Consta-nos que há poucos dias uma partida de proletários, (ao muito 15 homens) atacaram o quartel do destacamento da Villa da Manga, do qual se apossaram, por haver ali poucos soldados, roubado depois o armamento, soltando os presos, prendendo o ajudante João Onofre, e fazendo fugir o Subprefeito. Até as ultimas noticias ficavam ainda estes homens na villa, mas attento o seu pequeno número, é de crer que sejam facilmente dispersados ou presos por um destacamento de 30 homens que saiu em busca delles desta capital no dia 21 do corrente, se ja não tiverem sido pelas forças que por lá mesmo se devem ter reunido.

Ainda não sabemos ao certo da ocasião e motivos deste desaguisado, posto que vagamente tenhamos ouvido falar em odiosas vexações praticadas ali contra homens de côr, por meio do recrutamento, que n'alguns pontos tem sido um grande ramo de negócio; por ventura os presos que se soltaram seriam recrutas. O descontentamento

⁵² O recrutamento forçado foi uma das principais formas implementadas pelo governo para manter controle sobre a população, sempre foi bastante impopular, os jovens camponeses eram recrutados de maneira forçada para servir nas forças policiais, milícia maranhense ou forças militares nacionais. Não era um recrutamento imparcial, mas uma nova forma de arbitrariedade ao qual a população rural livre estava submetida. Cf. ASSUNÇÃO, Op. Cit. p. 302.

⁵³ CHRONICA MARANHESE nº. 94, 23/12/1838, p. 379. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749990&pasta=ano%20183&hf=memoria.bn.br&pagfis=399> > Acesso 24/02/2022.

⁵⁴ SODRÉ, Op. cit., p.134.

de uns, a turbulência de outros, a audácia de alguns faccionoras, como por exemplo um dos chefes do bando, que nos disem ser muito conhecido pelos seus crimes, ajudado tudo do despotismo das prefeituras, eis o que provavelmente deu causa a esta desagradável ocorrência.

Como quer que seja, não ha motivo algum para nutrirem serio receios; aquelles loucos, sem força, intelligencia, a esta hora talvez tenham ja sido abatidos, e nem se teriam arrojado a tanto, se mór parte do destacamento não tivesse marchado para Codó.

Este município, cujo repouso esteve tão ameaçado pelos numerosos quilombos de escravos fugidos, ja se acha desassombrado, com a destruição dos mesmos quilombos. Se obtivermos mais algumas informações acerca destes sucessos, dar-nos-hemos pressa em publicá-las. Depois de havermos escripto o artigo à cima, soubemos que o chefe dos amotinados da Manga é um tal de Raimundo Gomes que foi vaqueiro do padre Ignacio, no Miarim [...] ⁵⁵.

Nesses fragmentos do jornal é possível identificar a menção aos recrutamentos forçados que, associado a outros fatores conjunturais, precipitariam uma das mais importantes revoluções do Maranhão, lideradas por Raimundo Gomes e Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, o Balaio.

Os dois jornais, o Bem-te-vi e a Chronica Maranhense, disponibilizados pela Hemeroteca Digital, são bons exemplos de documentos históricos que podem ser utilizados na sala de aula, conforme preconizado pelo Documento Curricular do Território Maranhense, sendo possível aos docentes, segundo Moura⁵⁶, “pensar.com”⁵⁷ a História de um lugar, além de poder, propor aos discentes uma leitura e análise que possa proporcionar uma visão crítica sobre a Balaiada no Maranhão, as diferentes ideias políticas que surgem no pós-independência do Brasil, para assim evitar omissões, erros e equívocos ainda presentes em muitos manuais didáticos.

Sala de aula invertida e imprensa: proposta didática para estudar a Balaiada na sala de aula

Sem querer aqui apresentar uma receita pronta e exaurir a discussão sobre as possibilidades metodológicas para o uso dos jornais em sala de aula, visto que, são

⁵⁵ CHRONICA MARANHESE, Op. cit., p. 380.

⁵⁶ MOURA, Antônio Guanacuy Almeida. **Webquest's: possibilidades no ensino e aprendizagem de história**. 2018. 146 f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Federal do Tocantins - Câmpus Universitário de Araguaína- curso de Pós-Graduação (mestrado) Profissional em Ensino de História, 2018.

⁵⁷ O termo “*pensar.com*” é uma alusão do autor ao uso do domínio “.com” para uso na internet, não no sentido comercial de um site, pois foi criado originalmente para esta finalidade, mas como uma forma de referenciar o uso da linguagem digital no ensino de História, por meio da qual é possível comunicar, conectar-se, interagir, e aprender na cibercultura. Um bom exemplo é o uso de *Websites* como o da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, para acessar documentos históricos e ensinar/aprender História na sala de aula.

amplas e variadas. A proposta didática a seguir visa possibilitar o trabalho dos docentes de História com jornais por meio do uso de metodologias ativas e recursos tecnológicos digitais para o ensino-aprendizagem da Balaiada em sala de aula.

A inserção de estratégias metodológicas de ensino amparadas no digital, não como fim em si, mas como meio para romper o isolamento de conteúdos históricos escolares, em especial o da História do Maranhão, pode contribuir para a compreensão do sentido dado ao uso pedagógico do digital em sala de aula, das narrativas históricas no ensino básico e transpor a linearidade dos textos escritos nos manuais didáticos que abordam a revolta da Balaiada no Maranhão.

A utilização de metodologias ativas rompe a ideia de uma 'educação bancária'⁵⁸, centrada apenas no professor, e desloca os alunos para o centro da aprendizagem. São diversas metodologias (Aprendizagem baseada em problemas, aprendizagem baseada em jogos, gamificação, sala de aula invertida, etc.) e quando bem planejadas podem facilitar a análise de documentos históricos em sala de aula, aqui em especial, os jornais a *Chronica Maranhense* e o *Bem-te-vi*, que versam sobre a Balaiada no Maranhão.

Dentre os modelos citados e a partir de modelos ativos de aprendizagem, neste artigo, proponho como possibilidade didática para se ensinar a História Regional, no caso específico a Balaiada (1838-1841), no ensino de história do Maranhão, o uso da metodologia da sala de aula invertida por meio da qual é possível integrar o uso de recursos educativos digitais de maneira crítica, reflexiva e colaborativa.

A proposta didática a ser apresentada, visa atender o que preconiza o Documento Curricular do Território Maranhense que aponta para o uso de diferentes metodologias e linguagens para ensinar e aprender História, como forma de favorecer a aprendizagem discente, em seus diferentes ritmos, para uma juventude plural, singular, questionadora, criativa e de nativos digitais⁵⁹.

Dessa maneira, trabalhar o Brasil no século XIX por meio da sala de aula invertida, tendo como fonte os jornais e objeto do conhecimento o conflito dos Balaios no Maranhão, possibilita repensar o uso desses documentos históricos em sala de aula e

⁵⁸ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17.^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

⁵⁹ MARANHÃO, Op. cit., p. 108.

permite aos educandos desenvolver o sentido da análise histórica e o diálogo com realidades passadas.

A sala aula invertida (*Flipped Classroom*) foi proposta por dois professores norte-americanos, Jonathan Bergmann e Aaron Sams, o modelo visa favorecer a autonomia discente, nesse sentido, dentro de um ambiente híbrido e recorrendo ao uso de recursos tecnológicos digitais⁶⁰.

Seguindo a lógica da sala de aula invertida, podemos definir três momentos chave: Antes, durante e depois da aula (Ver quadro 01).

QUADRO 01: Organização Didática Da Sala De Aula Invertida

Antes da aula	O docente disponibiliza o material aos discentes previamente organizado e planejado pelo professor (documentos digitalizados, vídeos, áudios, etc.). É o contato inicial que os alunos têm com os materiais para que possam conhecer com o conteúdo a ser estudado.
Durante a aula	Os discentes discutem, criam, experimentam em sala os conhecimentos estudados de maneira prévia em casa, fazendo com que a sala de aula torne-se um ambiente ativo de aprendizagem.
Depois da aula	Os alunos verificam sua aprendizagem e desempenho e ajusta-o segundo o feedback dado pelo professor.

Fonte: Elaborado pelo autor do texto, 2022

Seguindo a organização didática da sala de aula invertida, antes da aula, a sugestão é que o professor grave um vídeo curto sobre o contexto histórico do tema a ser trabalhado e o disponibilize⁶¹ para seus alunos. O professor deve explicar que o tema da Balaiada está inserido na História Nacional no período histórico denominado de História Regencial do Brasil, girando em torno do conflito dos grupos sociais e políticos que vigoravam na província do Maranhão, Cabanos *versus* Bem-te-vis.

Cabe ainda ao docente orientar aos discentes a necessidade de se ter um olhar crítico em relação aos jornais que vão ser disponibilizados e questionarem: o que podemos deduzir das informações dispostas nos jornais analisados? A quem se

⁶⁰ BERGMANN, J. L.; SAMS, A. **Flip your Classroom: reach every student in every class every Day**. Eugene: International Society for technology in Education, 2012.

⁶¹ Os materiais podem ser disponibilizados via ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), existem diversos e cada escola tem adotado aquele que mais se enquadra a sua realidade. O professor, conforme sugerem Cristiano Gomes Lopes e Braz Batista Vas (2016) pode ainda criar grupos pedagógicos no *WhatsApp* que tem se mostrado uma excelente alternativa didática na promoção do ensino e aprendizagem no campo histórico, e se tornado até mesmo uma extensão da sala de aula.

destina essas informações? Quem são os sujeitos históricos representados nas notícias? Qual ou quais grupos são responsáveis pela publicação desses jornais?

Após realizar esse primeiro contato de conhecimento sobre o assunto, os discentes devem realizar a leitura dos documentos selecionados pelo docente na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, os jornais a *Chronica Maranhense* e o *Bem-te-vi*. Trata-se do momento de analisar a diversidade de opiniões políticas, as relações sociais tecidas ao nível local e a conjuntura histórica expressa nas matérias veiculadas por meio da publicação destes jornais.

O professor deve ainda sugerir aos discentes que façam anotações a partir da leitura e análise das informações contidas nos jornais disponibilizados para que posteriormente possam compartilhar e discutir com os demais colegas em sala de aula. Dessa maneira os alunos se tornam responsáveis por sua aprendizagem e conforme Auxiliadora Schimidt e Marlene Cainelli, o uso dos documentos históricos deixam de ser apenas ilustrativos da narrativa histórica para se tornar o ponto de partida para o ensino de História.⁶²

Durante a aula, o professor pode retomar a discussão suscitada inicialmente e iniciar um debate sobre a conjuntura histórica da Balaiada a partir das observações levantadas pelos alunos após a leitura dos jornais.

Esse é um momento importante da aula onde podem ser esclarecidas dúvidas acerca dos documentos, os jornais, e respondida às questões propostas aos discentes pelo professor, ou seja, se deve explicar o documento.

De acordo com Auxiliadora Schimidt e Marlene Cainelli explicar o documento significa fazer os discentes confrontarem seus conhecimentos ou os dados obtidos em uma pesquisa durante o contato com o documento que foi disponibilizado⁶³. Nesse momento da aula o professor em colaboração com os alunos deve contextualizar o documento com os aspectos históricos que envolvem a Balaiada e correlacionar as informações noticiadas nos jornais com as narrativas tecidas sobre o movimento, pensando a sua dimensão ao nível nacional e regional.

Ainda em sala, durante o debate, o discente pode explicitar as críticas feitas aos jornais, pois de acordo com Circe Bittencourt " *o importante no uso de textos jor-*

⁶² SCHIMIDT e CAINELLI, Op. cit., p. 117.

⁶³ Idem, p. 122.

*nalísticos é considerar a notícia como um discurso que jamais é neutro ou imparcial*⁶⁴, tais críticas devem ajudar os alunos a fundamentarem seus argumentos, ideias e impressões sobre a balaiada conforme as evidências que foram encontradas nos documentos.

Após a aula, pode ser proposto aos discentes a produção de um texto em formato de notícia jornalística⁶⁵, tendo como referência os conhecimentos adquiridos durante a discussão e trabalho com os jornais em sala de aula. As produções devem ser compartilhadas com o professor para serem avaliadas. Após a avaliação deve ser dado um feedback aos alunos que posteriormente poderão expor suas produções na sala de aula ou em outros espaços da escola.

A proposta didática apresentada pode ser adaptada de acordo com os objetivos do professor em sala de aula. Ressalto ainda que o uso de metodologias ativas e fontes históricas, aqui em especial os jornais, pode favorecer um ensino mais dinâmico, o conhecimento sobre a história local, a aproximação e a significação do conhecimento de histórico pelos educandos.

Considerações finais

A utilização crítica de documentos pelo campo historiográfico garantiu uma ampliação no acesso a fontes diversas, e, de maneira especial, o uso de jornais. Portanto, ao considerar as discussões apresentadas neste artigo e as implicações no processo de ensinar, aprender e pesquisar utilizando os jornais como fonte para o conhecimento histórico, e inclui o processo de legitimação da fonte na pesquisa histórica⁶⁶ (CAPELATO, 1988), os jornais são espaços de poder, sociabilidade e não devem ser encarados apenas como um veículo de informação, pois nas suas linhas e entrelinhas se encontram relações de poder que demandam um olhar cuidadoso e análises por parte daqueles que o tomam como um objeto de pesquisa e/ou uma fonte histórica.

Pois, a compreensão do contexto histórico do que é apresentado textualmente nos jornais, antes apenas impressos e, mais recentemente, digitalizados, pode ampli-

⁶⁴ BITTENCOURT, Op. cit., p. 337.

⁶⁵ Como sugestão, o professor pode indicar aos alunos que utilizem *fodey.com* por meio do qual se pode criar online recortes de jornais com sua própria manchete e história. Para acessar basta clicar no link: <<https://www.fodey.com/generators/newspaper/snippet.asp>>. Acesso em 23 de junho de 2023.

⁶⁶ CAPELATO, Op. cit., p. 34-35.

ar a concepção e o uso desse documento por parte dos docentes na sua práxis pedagógica, tomando-o não como mero despenseiro da verdade, como uma fonte que se esgota em si, mas como uma fonte documental que no presente pode dialogar com o passado, tendo como referência sua historicidade.

Neste sentido, a incorporação de metodologias e recursos amparados em tecnologias digitais, aplicados ao ensino-aprendizagem de História, amplia o acesso a documentos históricos, como os jornais, viabilizando a difusão e o compartilhamento do conhecimento historiográfico em sala de aula por meio do uso dessas fontes em formato digital, que podem ser acessadas por meio de um toque na tela de um smartphone ou computador com acesso à internet.

Diante deste cenário, de acesso às informações e a documentos históricos disponibilizadas na internet e pensando o uso de fontes e linguagens diversificadas para trabalhar os conteúdos de História, é importante atentar para as mudanças decorrentes do processo de informatização dos documentos históricos, uma vez que a internet mudou sua materialidade, podendo estes agora ser encontrados no ciberespaço, por meio de diversos *Websites* dos centros de documentação, a exemplo da Hemeroteca Digital, que traz jornais digitalizados como os apresentados nesse artigo.

É importante ressaltar ainda que o professor/pesquisador, ao lidar com documentos digitalizados e disponibilizados em *Websites* que se propõem a arquivar documentos, deve considerar o que preconiza o Conselho Nacional de Arquivos nas suas diretrizes para construção de *Websites* de instituições arquivísticas: o *Website* deve ser um instrumento de prestação de serviços, dentre este o educacional.

Por fim, a aproximação entre ensino de História, historiografia, imprensa, metodologias ativas de aprendizagem, como a sala de aula invertida, e o acesso a fontes digitalizadas pode abrir espaço para a produção de materiais educativos, novas formas de pensar o ensino de História, além de promover o desenvolvimento das habilidades e competências referentes à análise, escrita, leitura e compreensão das narrativas históricas em uma rede de colaboração e compartilhamento de saberes por meio da difusão de documentos historiográficos no ciberespaço.

Referências

Fontes

O Bem-Te-vi (MA) - 1938 a 1853.

Chronica Maranhese (MA) - 1838 a 1841.

Bibliografia

BARROS, José D.'Assunção. **Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos**. Editora Vozes, 2019.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Dicionario bibliographico brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. v. 2. p. 296-297

BERGMANN, J. L; SAMS, A. **Flip your Classroom: reach every student in every class every Day**. Eugene: International Society for technology in Education, 2012.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Casa Civil, Arquivo Nacional, Conselho Nacional de Arquivos. **Resolução nº 13, de 9 de fevereiro de 2001**. Disponível na Internet via <https://www.gov.br/conarq/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/Diretrizes_Construcao_websites.pdf> Acesso em: 20/08/2022.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção Nacional 1830-1889**, v.2. História do Brasil Nação: 1808-2010. Direção Lília Mortiz Schwarcz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.p. 87

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. **Diretrizes gerais para a construção de Websites de instituições arquivísticas**. 2000.

CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915**. - São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.p. 12

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel. **A Revolução Impressa**. A imprensa na França (1775-1800). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996: Introdução (p. 15-17).

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Aprendendo História: reflexão e ensino**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2013.p.165-167

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FONSECA, S. G. **Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, Reflexões e Aprendizados**. Campinas: Papyrus, 2009. p.215

GALVES, Marcelo Cheche. **"Ao público sincero e imparcial": Imprensa e Independência do Maranhão (1821-1826)**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2010. p. 82

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. 13 ed. rev. e ampl. Campinas/SP: Papirus, 2012 (Coleção Magistério: Formação do Trabalho Pedagógico)

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. **"Balaiada: construção da memória histórica"**. *História (São Paulo)*, v. 24, n.1, 2005, p. 41-76.

KAMPPFF, Adriana Justin Cerveira. **Tecnologia da Informação e Comunicação na Educação**. 2 ed. Curitiba, PR: IESDE, 2009. p. 212

LEAL, Antonio Henriques. *Pantheon Maranhense. Ensaio biográfico dos Maranhenses ilustres já falecidos*. São Luís, 1873; Rio de Janeiro: Alhambra, 1987. t. 1.;

_____. *Pantheon Maranhense. Ensaio biográfico dos Maranhenses ilustres já falecidos*. São Luis, 1875; Rio de Janeiro: Alhambra, 1987. t. 2.

_____. *Pantheon Maranhense. Ensaio biográfico dos Maranhenses ilustres já falecidos*. São Luís, 1873; Rio de Janeiro: Alhambra, 1987. t. 4, p. 29.

LEVI, G. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. **Revista Tempo**, UFF, v. 20, 2014, p. 1-20.

LOPES, Cristiano Gomes; VAS, Braz Batista. O WhatsApp como extensão da sala de aula: o ensino de História na palma da mão. **Revista História Hoje**, v. 5, n. 10, p. 159-179, 2016.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto: 2008, p. 111-153.

MARANHÃO. **Documento curricular do território maranhense para educação infantil e o ensino fundamental**. Editora- FGV. 1ª edição – 2019

MARQUES, Cesar Augusto. O Bemtevi e seu redactor o Sr. Estevão Raphael de Carvalho. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brazil*, Rio de Janeiro, tomo XLIX, v. 2, p. 289-294, 1886.

MATEUS, YURI GIVAGO ALHADEF SAMPAIO. **A BALAIADA NA SALA DE AULA: ensino de História do Maranhão Imperial e a produção do paradidático "A Guerra da Balaiada"**. 196 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Ensino e Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

MOURA, Antônio Guanacuy Almeida. **A Webquest's: possibilidades no ensino e aprendizagem de história**. 2018. 146 f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Federal do Tocantins- Câmpus Universitário de Araguaína- curso de Pós-Graduação (mestrado) Profissional em Ensino de História, 2018.

PROENÇA, Maria Cândida. **Didática da História**. Lisboa: Universidade Nova Lisboa, 1992.p. 126.

SILVA, Alexandre Ribeiro e VIDAL, Diana Gonçalves. "UM JOGO DE PARTIDOS": EDUCAÇÃO PÚBLICA E POLÍTICA NO MARANHÃO IMPERIAL. *Almanack* [online]. 2019,

n. 23, p. 316-365. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2236-463320192311>>. Epub 13 Dez 2019. p. 336 Acesso em: 08 de Janeiro de 2023.

SCHMIDT, M. A. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2009. p.54-65

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene Rosa. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.) **O jornal na vida do Professor e no Trabalho Docente**. São Paulo. Global: campinas, SP: ALB Associação de Leitura do Brasil, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 251-287. A primeira edição é de 1966.

TALBERT, ROBERT. **Guia para utilização da aprendizagem invertida no ensino superior**. Porto Alegre: Penso, 2019.

TOFLER, Alvin; tradução de João Távora. **A Terceira Onda**. 21^a ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

Recebido em: 24/11/2022

Aprovado em: 17/12/2022